

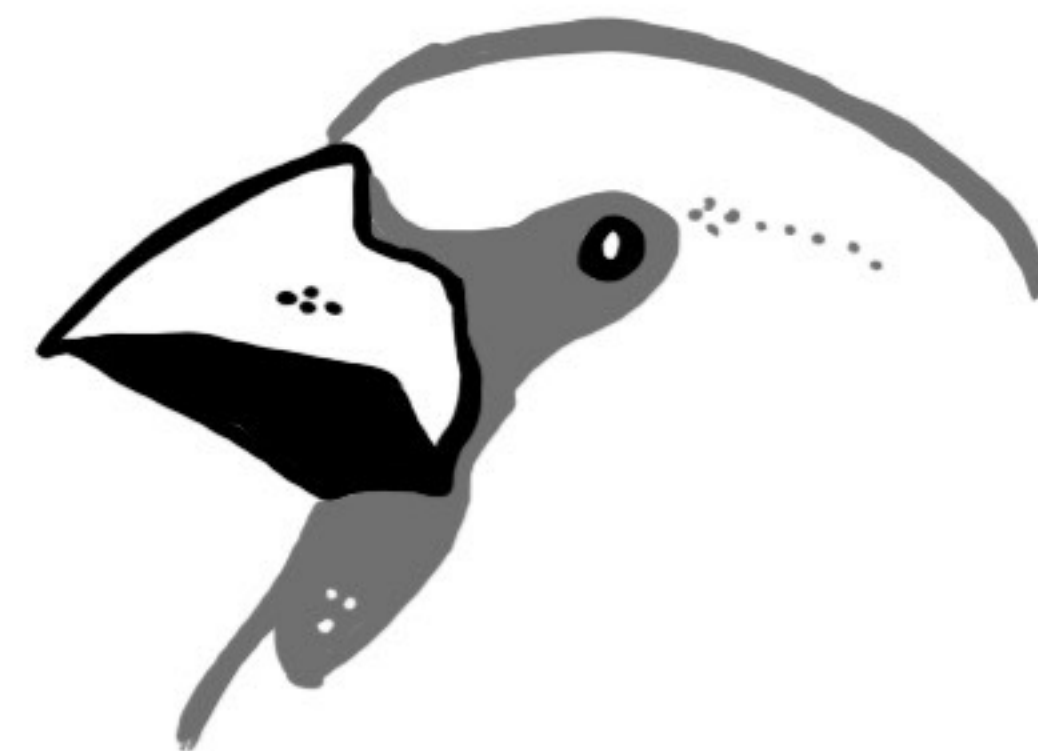
QUAL BICO VOCÊ VÊ QUANDO SE OLHA NO ESPELHO?



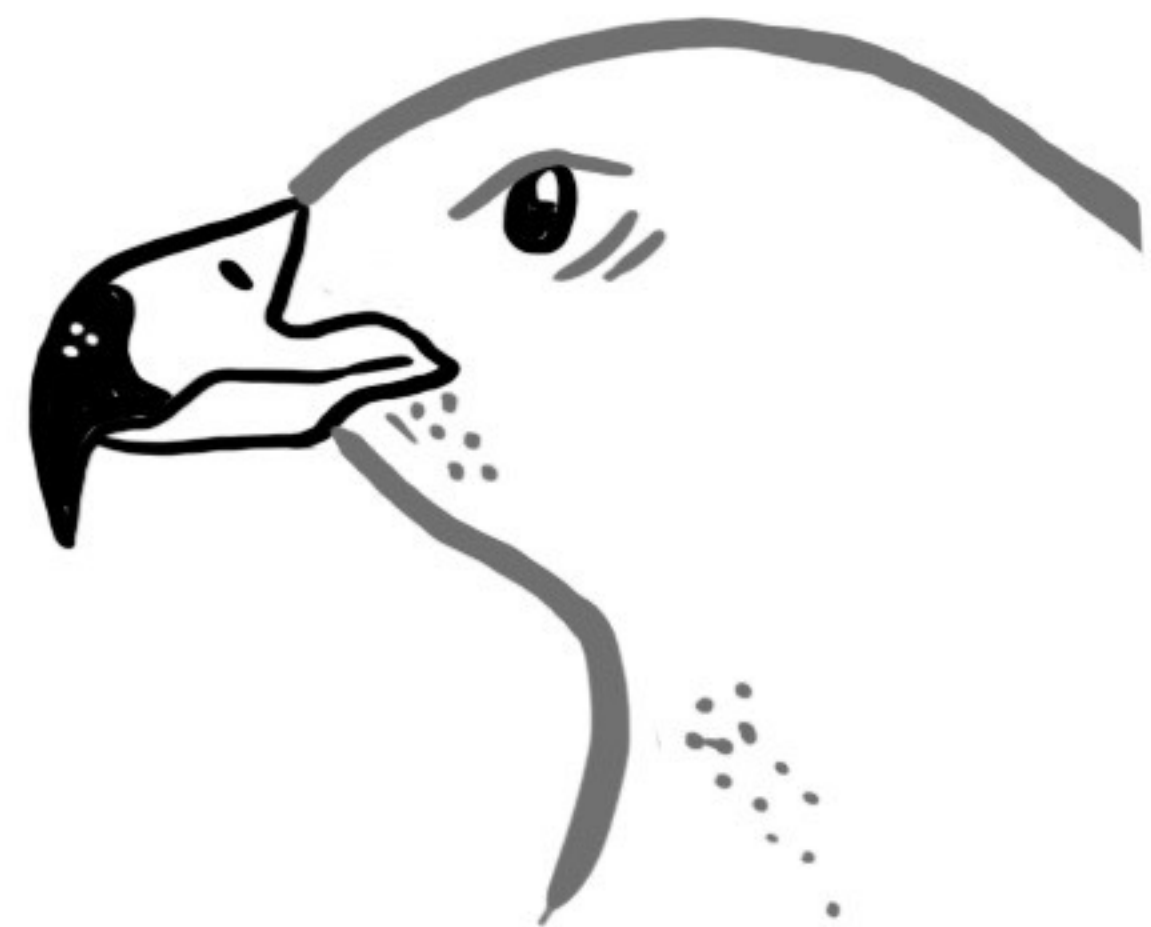
filtro de lodo e
de comentários
negativos



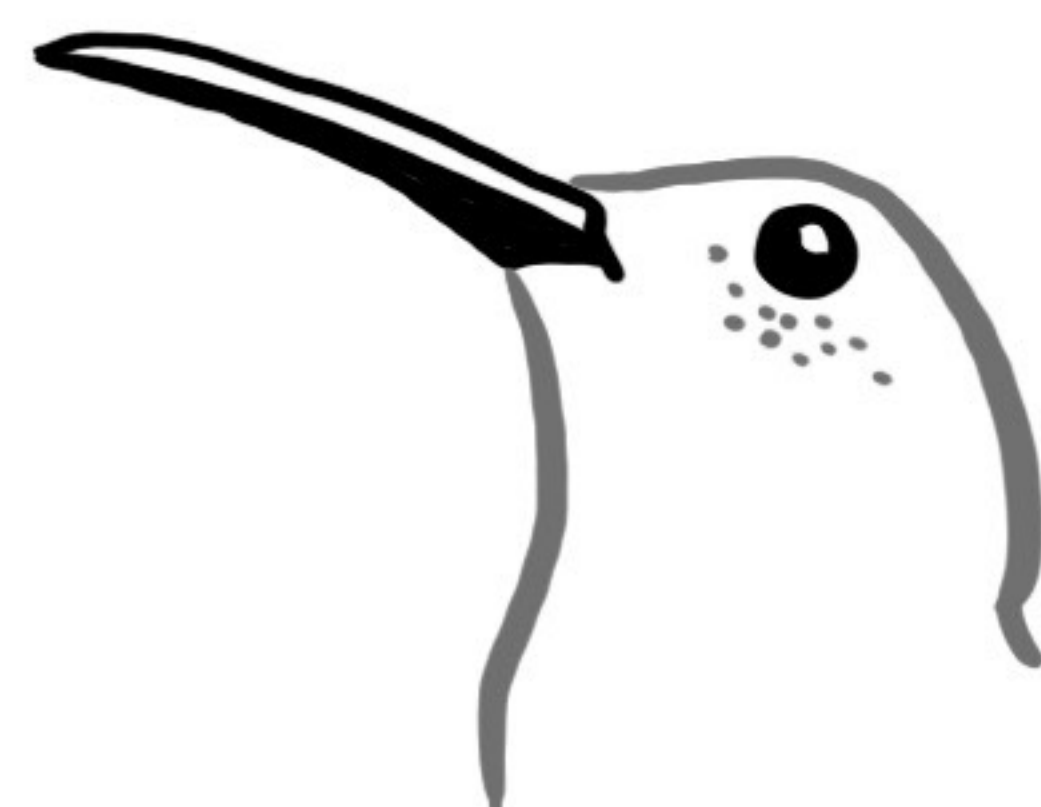
catador de insetos
e de defeitos nos
outros



quebrador de grãos
e de paradigmas



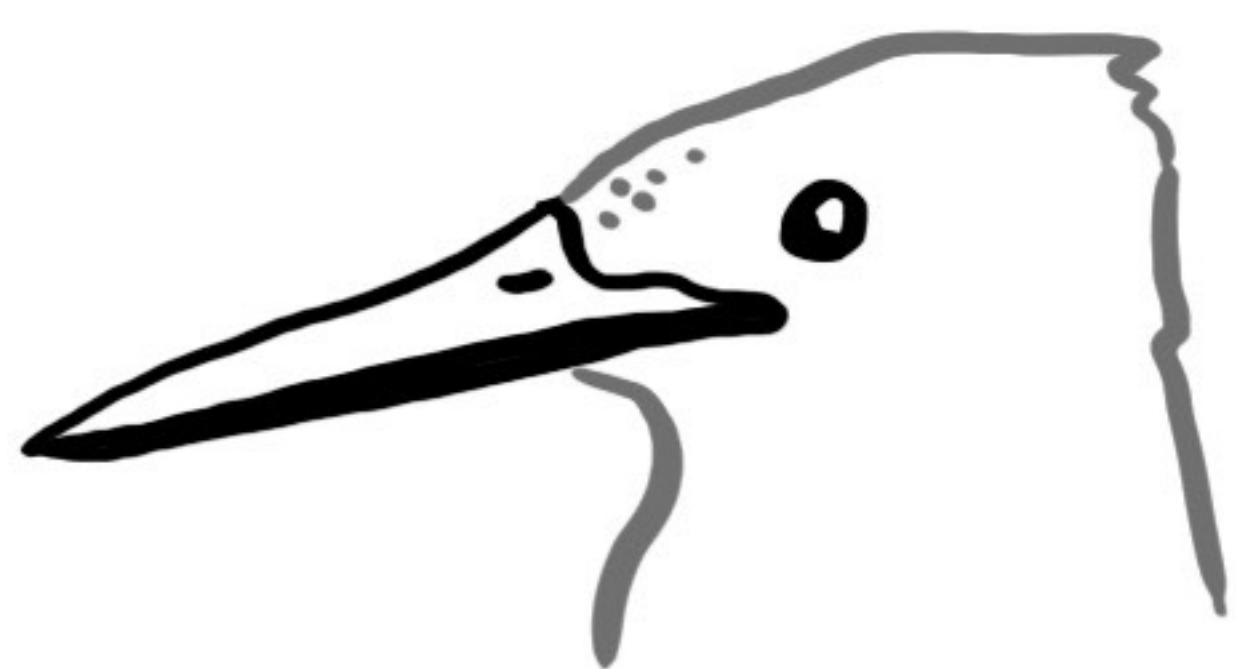
dilacerador de carne
e de corações



sugador de néctar
e de ideias



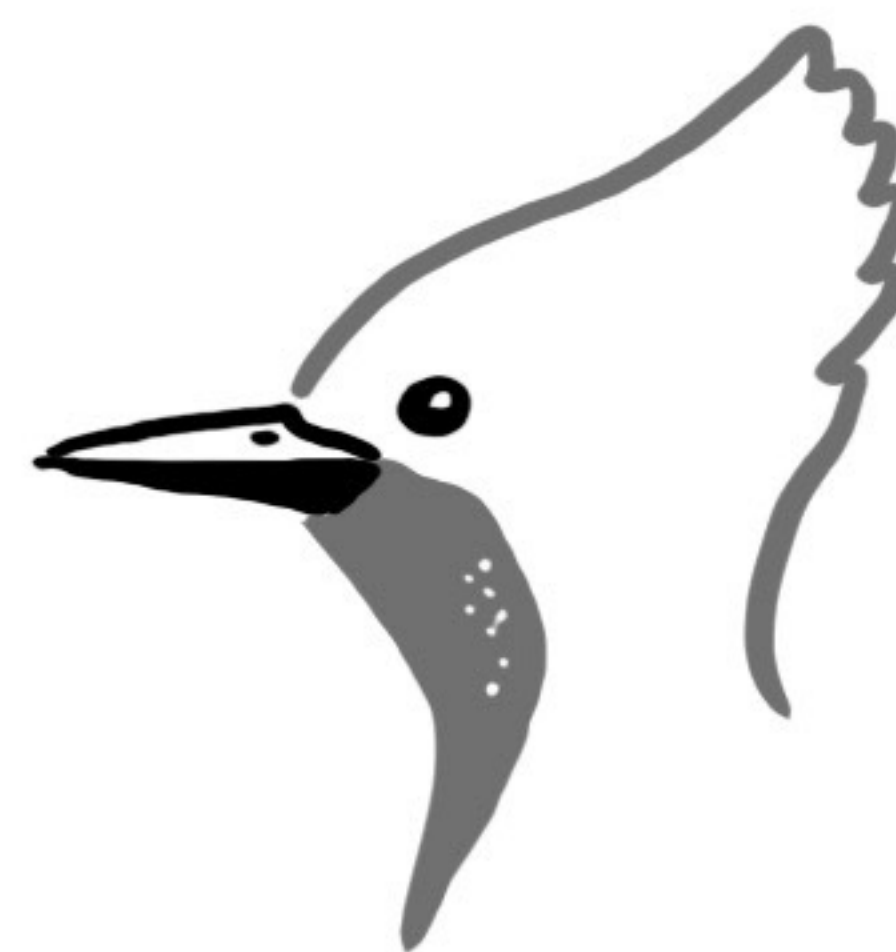
abridor de
sementes e de
mentes



pescador de ilusões



rede de pesca e de
elogios baratos



perfurador de
madeira e de
argumentos sólidos

LIVRE DA GAIOLA

Fazer arte independente, já diria Criolo, é carregar no peito a resposta. A palavra independência presume algo lindo, livre, solto. Sem amarras, sem chefe, sem alguém te dizendo o que fazer, como fazer, quando fazer. Mas, como logo se percebe quando você cai nessa vida (ou melhor, se estatela, despedaçando cara e costelas no chão duro), a ideia da liberdade se revela como um Kinder Ovo com uma fina lâmina de chocolate envolvendo não um brinquedo sortido, como aquela Hello Kitty que já veio trinta vezes, mas uma pesada responsabilidade.

Há a responsabilidade com o público, com as pessoas que acreditam no seu trabalho e por algum motivo gostam do que você faz (eu sei, o catálogo de séries anda tão sem graça ultimamente que a gente está tendo que LER, veja bem). Há a responsabilidade com o seu trabalho, em fazer algo não tão vergonhoso a ponto de ganhar evidência por ser zoável, nem tão tímido a ponto de simplesmente ser ignorado. Há a responsabilidade, ainda, com o processo rotineiro e nada glamouroso que vai tornar possível realizar esse trabalho e apresentá-lo ao público.

Não ter chefe, horários e ticket refeição acaba sendo um detalhe. A responsabilidade é a mesma de qualquer trabalho. Os prazos? Estão lá. A preocupação com a qualidade? Check. A resistência às tentações da procrastinação e do desânimo? Double check. Salário do mês garantido, suficiente para se sustentar? Bem, aí é outra história.

Ai que chato, solta meu braço, quero

voar. Pelo menos a liberdade criativa pode ser vivida plenamente, em seu máximo, certo? Se você não é uma Beyoncé, um Paulo Coelho ou um Christopher Nolan (imagine essa nova formação de Destiny's Childs, imagine) ou qualquer artista que atingiu algum patamar de sustentabilidade financeira compatível a das grandes indústrias, você não terá tanto espaço e recursos para fazer a sua arte. Você terá que dar uma de MacGyver e terminar um livro tendo em mãos apenas uma embalagem de chiclete e um batom usado.

Por mais que pareça um empecilho, a limitação não é impeditivo para fazer sua arte. Pelo contrário: a limitação se torna uma das principais ferramentas do artista independente.

Não, não há grana para fazer a ideia mirabolante que sua cabecinha genial criou. Mas você se recusa a desistir; contorna a dificuldade, dribla o “não”, arruma um jeitinho, liga uns fios e PUF traz ao mundo seu livro, seu documentário, sua zine (por que não?). Você não tem os contatos certos, a plataforma ideal, os recursos nem a validação do mercado, mas você usa o que está ao seu alcance para fazer boa arte. Nada mais estimulante para a criatividade do que umas paredes bem altas no seu caminho (boas para encher de grafites bem coloridos).

Ser artista independente é estar cercado dessas limitações. Esta zine que você tem em mãos, por exemplo, é o resultado das minhas próprias. São as dificuldades e a responsabilidade de fazer isso sozinha, contando apenas com o apoio dos leitores, que dão as cores e a cara desse meu trabalho. Porque a gaiola que nos restringe, muitas vezes, é nosso maior incentivo para voar.

Aline Valek

Sou corvo

Disseram que sou um corvo.

De todos os animais viventes na Terra, entre os grandes felinos, os domesticados que pedem atum em lata, os simpáticos de fazenda, os mais coloridos pássaros, os mais inusitados peixes que brilham suas próprias luzes nas profundezas, entre todos os invertebrados, os répteis de escamas frias, os microscópicos, os ameaçados de extinção, os seres da floresta, os que cavam na terra, os que vivem nas árvores, os primatas, os mamíferos aquáticos, os escorregadios ou peludos, dentre todos, eu seria o corvo.

As pernas finas, será?

Explicaram: é porque o corvo sempre carrega uma mensagem. Bastava isso para que eu ficasse lisonjeada com a comparação. De todos os animais, eu seria justamente o corvo.

Diferente de outros pássaros coloridos e exuberantes, o corvo não tem firulas: é o preto básico das aves. Muito inteligente, com certeza, já que é um dos poucos animais que se reconhecem no espelho, como golfinhos, elefantes e os grandes primatas, incluindo aí, é claro, nós humanos.

Na mitologia, o corvo está sempre relacionado à magia. É companheiro de bruxas e feiticeiras. Malévola tem um.

Relacioná-lo com as trevas, por ser da cor preta e ter essa relação com tantas

culturas pagãs, é hábito da tradição cristã em dividir o mundo entre o bem e mal. Já em outras culturas, o preto não representa o mal, mas a busca de respostas.

No xamanismo, o corvo é o mensageiro do outro mundo, é o que conduz a mente do viajante por uma dimensão mágica. Um guia para outra realidade, como faz o próprio escritor ao pegar o leitor pela mãozinha para passar pelo vale da ficção. Pelos olhos do corvo, o viajante vê o outro mundo.

São tantas as histórias sobre corvos. Animal fabuloso, de fábulas, esse.

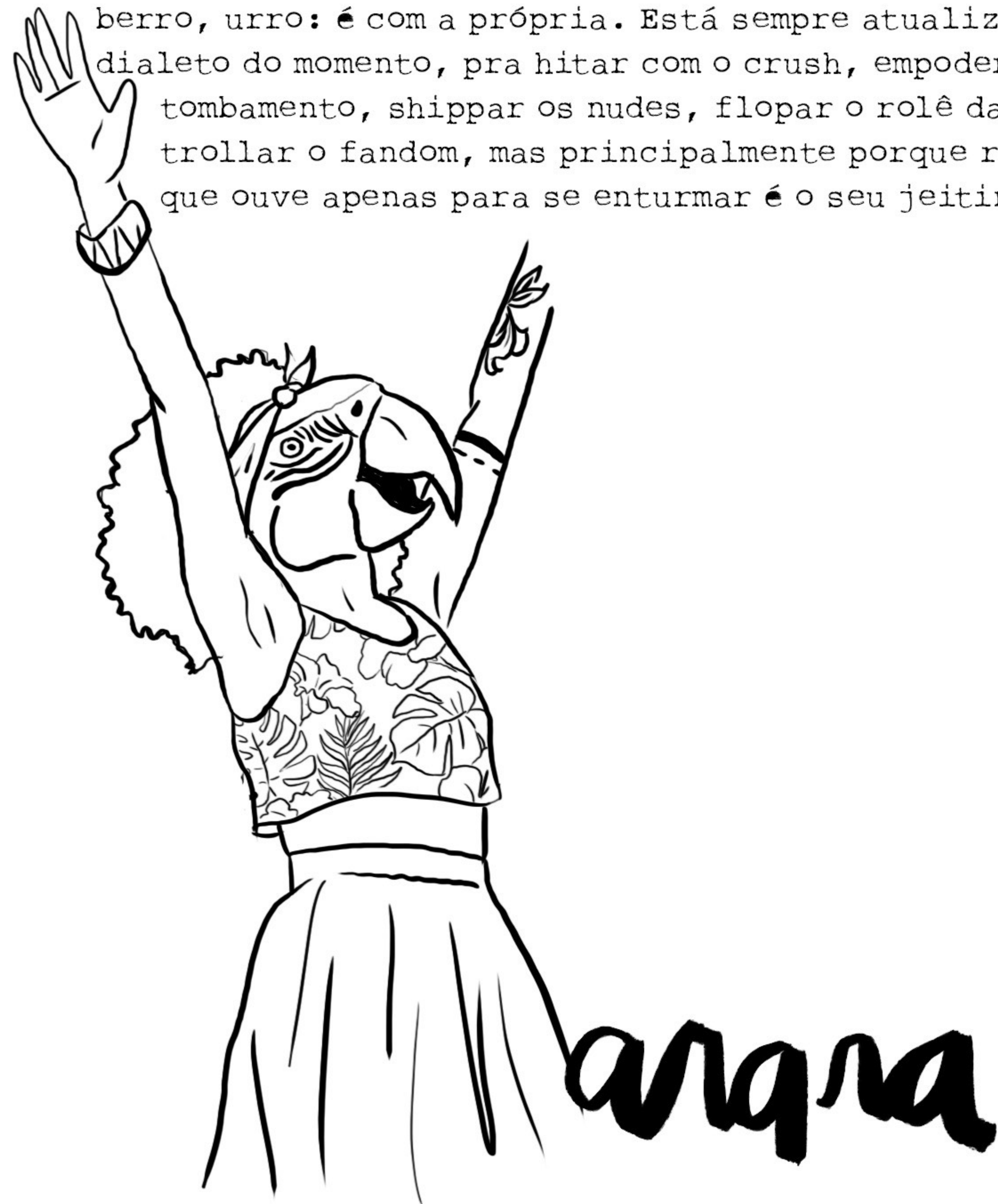
Em algumas lendas indígenas de povos ao norte do continente americano, o corvo sempre começa a história como uma ave de cor branca que é mudada de cor como castigo por ter feito algum esforço para ajudar o ser humano. Por isso, essa dualidade. Preto, branco. Presságio bom para alguns, presságio ruim para outros.

Há a crença de que o crocitar de um corvo próximo à casa de alguém anuncia a morte. Os árabes chamavam o corvo de pai dos agouros. A verdade, no entanto, é que é só uma ave inteligente demais. E sempre arrumaram um jeito de desprezar a inteligência na nossa história, de revesti-la com a embalagem do mal: cientistas loucos, gênios do crime, corvos malignos.



Fuma unzinho olhando para o mar, dá uns mergulhos, descansa na pedra. Gosta de uma vibe sussa, de estar sempre cercada da sua galera, de contar piada e zoar até anoitecer. Vida no litoral é essa maciota. Trabalho tem, mas se não tiver, beleza. Ela dá seus pulos. Tem seus esquemas para arrumar o que quer. Malandramente. Ninguém entende como sempre consegue grana para viajar, fazer tatuagem, ir em festival de música. Claro que dividir apê com azamiga ajuda, mas nenhuma delas é exemplo de vida responsável. São todas meio doidas, na verdade. Barulhenta, chama a galera e faz festa que enlouquece os vizinhos, tocando funk e sarrando no ar a noite inteira. Melhor nem experimentar mexer com ela, maluco! Ela alopra. Cai pra cima, ataca, te derruba no chão e ainda leva sua comida. Só pra você deixar de ser otário, tá ligado? Com esse jeitinho caótico, acaba se metendo em uns picos estranhos, acorda na praia com roupas que nunca viu na vida depois de uma noite de bebedeira, compra coisas que não precisa com dinheiro que não tem, rouba cerveja do supermercado. Se mete em mais roubadas do que gostaria, mas não consegue evitar, se ela tem esse cheiro de encrenca que carrega para onde vai.

Quem é que não gosta dela por perto? Calorosa, colorida, chega sempre para animar o ambiente. Não tem vergonha de se jogar no karaokê, de ser a primeira a entrar na pista de dança, de colocar as fantasias mais esdrúxulas para pular o carnaval no bloquinho do bairro. Seu estilo do dia a dia não é muito diferente de uma alegoria de escola de samba: roupas coloridas e esvoaçantes, muita estampa, em peças que você jamais imaginaria combinando juntas. Bairrista, prefere frequentar os mesmos restaurantes, baladinhas e eventos de sempre, mas não abre mão de ficar em casa curtindo um Netflix. Tá sempre com o moção, pode reparar. Mas o garçom sempre precisa juntar as mesas quando ela entra, porque ama estar na presença das miga tudo. E não são poucas. Lacra em bando. Faz Comunicação Social, mas se comunica principalmente aos berros. Em casa, em vez de ir até onde a mãe está, grita de onde estiver Ô MÃE TELEFONE, e claro que a mãe grita de volta: ATENDE ENTÃO, CRIATURA. Grito, tiro, berro, urro: é com a própria. Está sempre atualizada com o dialeto do momento, pra hitar com o crush, empoderar o tombamento, shippar os nudes, flopar o rolê das inimiga e trollar o fandom, mas principalmente porque repetir tudo o que ouve apenas para se enturmar é o seu jeitinho.



Edgar Allan Poe escreveu sobre o corvo. Machado de Assis traduziu:

*Diante da ave feia e escura,
Naquela rígida postura,
Com o gesto severo, – o triste pensamento
Sorriu-me por um momento,
E eu disse “tu que das noturnas plagas
Vens, embora a cabeça nua tragas,
Sem topete, não és ave medrosa,
Dize os teus nomes senhoriais;
Como te chamas tu na grande noite umbrosa?”
E o corvo disse: “nunca mais”.*

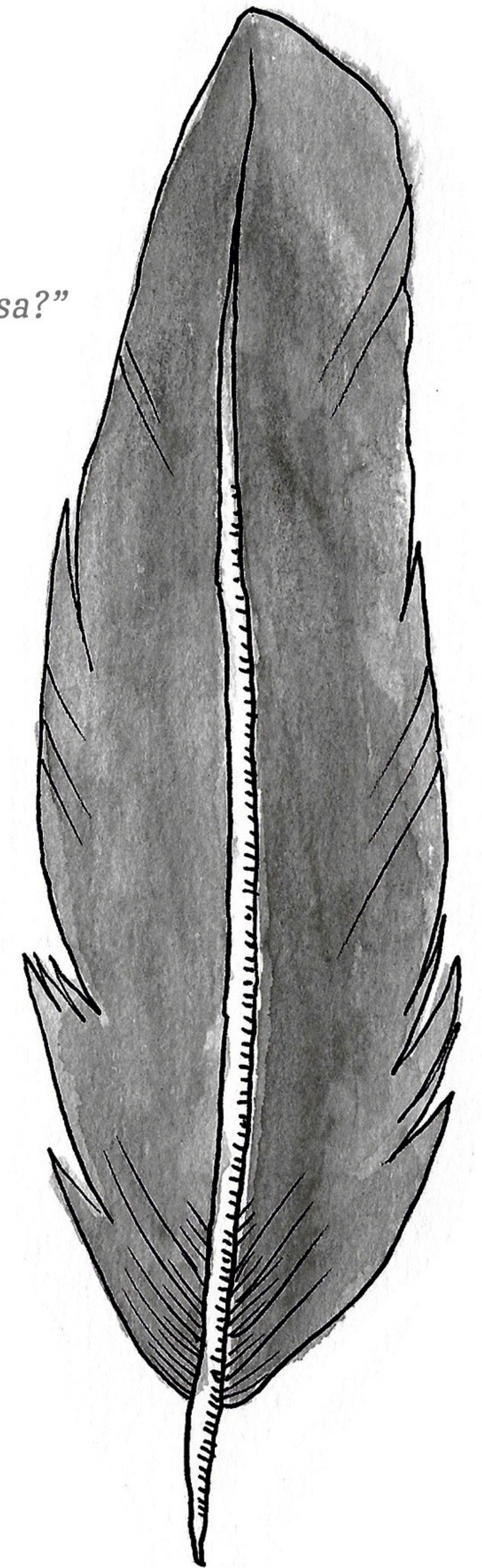
*Vendo que o pássaro entendia
A pergunta que lhe eu fazia,
Fico atônito, embora a resposta que dera
Difícilmente lhe entendera.
Na verdade, jamais homem há visto
Cousa na terra semelhante a isto:
Uma ave negra, friamente posta
Num busto, acima dos portais,
Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
Que este é seu nome: “nunca mais”.*

Negrume do corvo que cai tão bem com a melancolia de Poe e, ao mesmo tempo, com o humor dos desenhos animados. Não é em Pica-Pau que cabe ao corvo o papel do azarado Jubileu, aquele que faz de tudo por uma pipoca na manteiga?

Ou talvez o corvo de Poe estivesse apenas tirando uma com a cara do poeta. Interessante ler “O Corvo” sob essa perspectiva, já que corvos são reconhecidamente brincalhões. “Nunca mais, nunca mais”, ele repetia, mas só porque os corvos realmente são capazes de imitar a voz humana – e são conhecidos justamente por gostar de brincadeiras. Mesmo as de mau gosto.

Chegam a fazer seus próprios brinquedos usando galhos, tampinhas ou sementes, um comportamento raro entre os animais. Também tiram sarro de gatos, cães, lobos e outros animais só porque acham divertido.

Por tudo isso, são muitos os motivos para admirar os corvos.



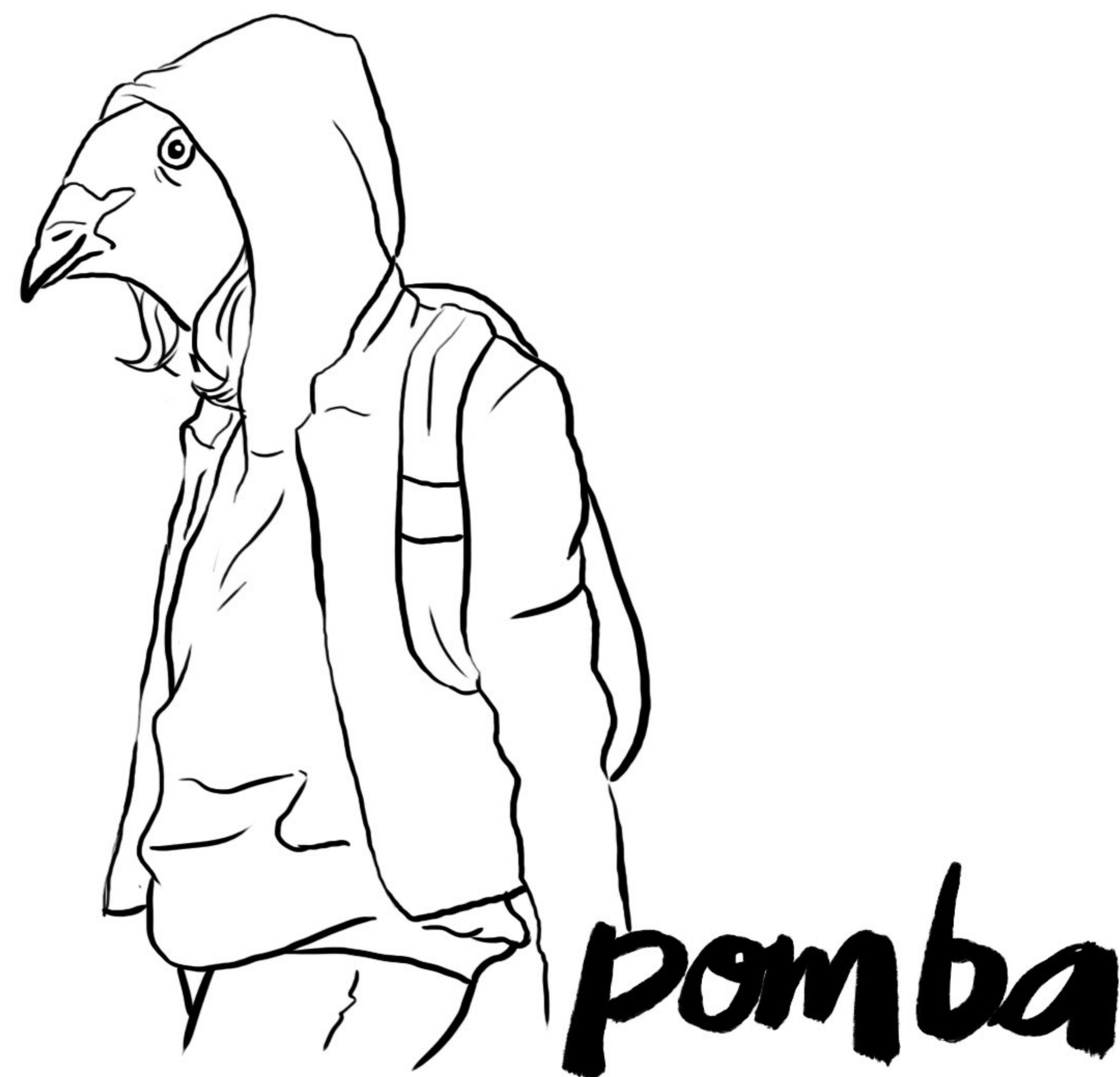
Talvez eu não seja tão corvo assim; ou talvez eu seja tanto quanto sou baiacu, formiga, lince, lagarta ou coruja. Porque também somos animais, por mais que as cidades e um mundo feito para nos servir nos faça esquecer disso. Somos animais de roupinhas.

É tênue a base que nos sustenta como civilização (já disse Werner Herzog: “a civilização é como uma fina camada de gelo em cima de um oceano de caos e escuridão”), mas podem ser mais fortes os laços que nos conectam com as outras espécies. Há muito em comum.



Por isso tão difícil olhar para o corvo da mesma forma. É mais que um animal; é uma personalidade única, são histórias que inspiram, um lembrete de que não somos assim tão mais inteligentes ou interessantes. Depois disso, nunca mais vou ver o corvo como um animal que nada tem a ver comigo ou que não tem histórias que me ensinem coisas novas.

Nunca mais, nunca mais.



Arranha o céu, mas lá de baixo, no nível da multidão. Horário de pico, já sabe o caminho, aliviada que por hoje acabou o patrão. Pega o metrô e se espreme entre os seus; mais uma no corre, absorvida pela metrópole que é sustento e gaiola, ao mesmo tempo. Mas ela é das ruas, sabe a linguagem do asfalto. O banco da praça também é seu sofá. Troca ideia com os malucos, os moradores de rua, os vendedores no sinal. Tem um rosto qualquer, já é cinza como o concreto; mesmo assim, sua galera reconhece, quer ter por perto. Qual é, firmeza? Tem uma capacidade de se adaptar a qualquer parada, morar em qualquer quebrada, não faz cara feia pra comida de rua, sanduíche fast food ou salgadinho de bar, qualquer coisa que consegue arranjar para forrar o estômago antes de ir para o trampo. Sente do alto o olhar de desprezo. A cidade é o único habitat que conhece, mas reserva os piores lugares para ela pisar. Lugar chique, grã fino? Nunca foi. Não que se importe. Tem muito o que fazer, vai chegar atrasada. Coloca o fone de ouvido, põe seu rap e se mistura aos outros corpos, que seguem em passos de soldado em busca do farelo de cada dia. É só mais uma, é igual a tantos outros. Tão misturada ao caos, já nem tem certeza se ela é alguém, ou se ela é, na verdade, a própria cidade andando a pé.

Beleza é uma de suas prioridades. Não apenas a estética, puramente visual, mas a beleza dos costumes, dos movimentos graciosos, das experiências agradáveis, das palavras certas, a beleza de uma viagem ao exterior, de um restaurante descolado, de um bairro nobre. Vai ao balé e aprecia a arte; sabe usar os talheres certos; nunca erra o dress code. Dá pra ver de longe seu bom gosto e apreço pela estética. Desliza com elegância pelo mundo. Tão suave. Olhando de perto e por tempo o suficiente, tudo muda de figura. Se parece se equilibrar, graciosa, é só porque está por um fio de perder a compostura. Barraqueira quando se vê ameaçada, é uma escandalosa por essência. Tá achando que eu sou quem, querida?? Até gosta da ideia da etiqueta, mas na prática nunca soube lidar muito bem com ela. Dispensa. Acredita que sabe como se relacionar com os outros e seus laços sociais são tão importantes quanto combinar as cores de todas as suas fotos no Instagram. Muito ligada à família, especialmente no que diz respeito à gritaria. Marido, esposa, pais e irmãos, tanto faz. Entrega-se à briga: peitos estufados, pescoços enroscando, penas arrancadas no processo, quase uma dança, aquela coisa bonita de se ver num ringue de luta livre. Faz isso mais pela performance do que pela real vontade de machucar alguém. Aparência, afinal, é tudo.



A PRIMEIRA VEZ QUE VIAJEI DE AVIÃO NÃO PAREI DE CHORAR.

EU ERA UM BEBÊ COM UM JOVEM CASAL DE PAIS, DE MUDANÇA DE MINAS PARA BRASÍLIA.



ABRI UM BERREIRO TÃO GRANDE QUE MINHA MÃE, DESESPERADA, PEDIU PRO MEU PAI PEGAR A CHUPETA NA MALA. O PROBLEMA É QUE NÃO ERA UM ÔNIBUS. E O AVIÃO ESTAVA DECOLANDO.

"SENHOR, ESTAMOS DECOLANDO, SENHOR. AFIVELE OS CINTOS, SENHOR"

ALI ME TORNEI ESSA PESSOA QUE SEMPRE SE ESTRESSA COM VIAGENS.

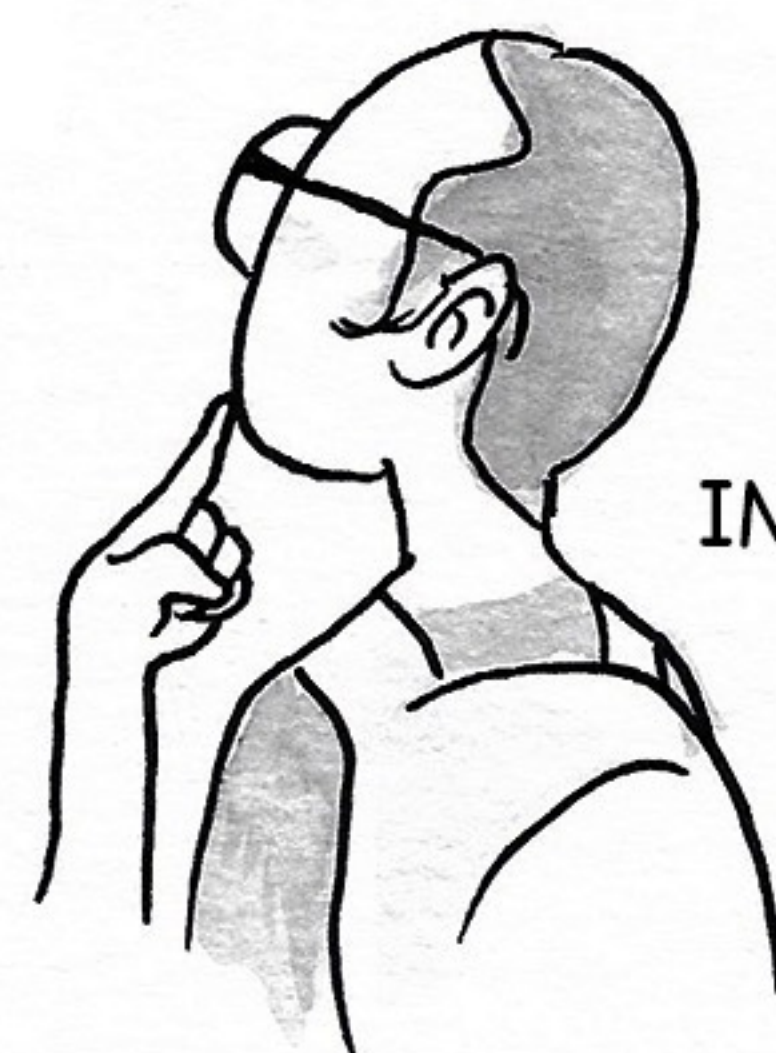


SÃO MUITAS AS PREOCUPAÇÕES: NÃO SE ESQUECER DE NADA E FAZER TUDO CABER NUMA MOCHILA BEM ECONÔMICA, LEVAR OS DOCUMENTOS, CHEGAR NO HORÁRIO, SABER COMO CHEGAR, ONDE VOU FICAR, NÃO MORRER NO CAMINHO.

NÃO QUE EU TENHA MEDO DE AVIÃO.
TENHO MAIS MEDO DE PERDER O VOO DO
QUE DE VOAR. MINHA PONTUALIDADE
MINEIRA NÃO ME DEIXA ATRASAR, MAS
O MEDO DE TER MEU NOME ECOANDO NO
AEROPORTO "ÚLTIMA CHAMADA PARA
EMBARQUE" CONTINUA LÁ.



TODA VEZ QUE PEGO UM
AVIÃO OLHO BEM PARA
TODOS OS PASSAGEIROS
DESDE A FILA DE
EMBARQUE, IMAGINANDO
QUE SERÃO TODOS
PERSONAGENS DE LOST
COM QUEM TEREI QUE
CONVIVER CASO O AVIÃO
CAIA NUMA ILHA. COM
QUEM ESTABELECEREI
ALIANÇAS? QUAL DELES
TENTARÁ ME MATAR?



QUESTÕES
IMPORTANTES.

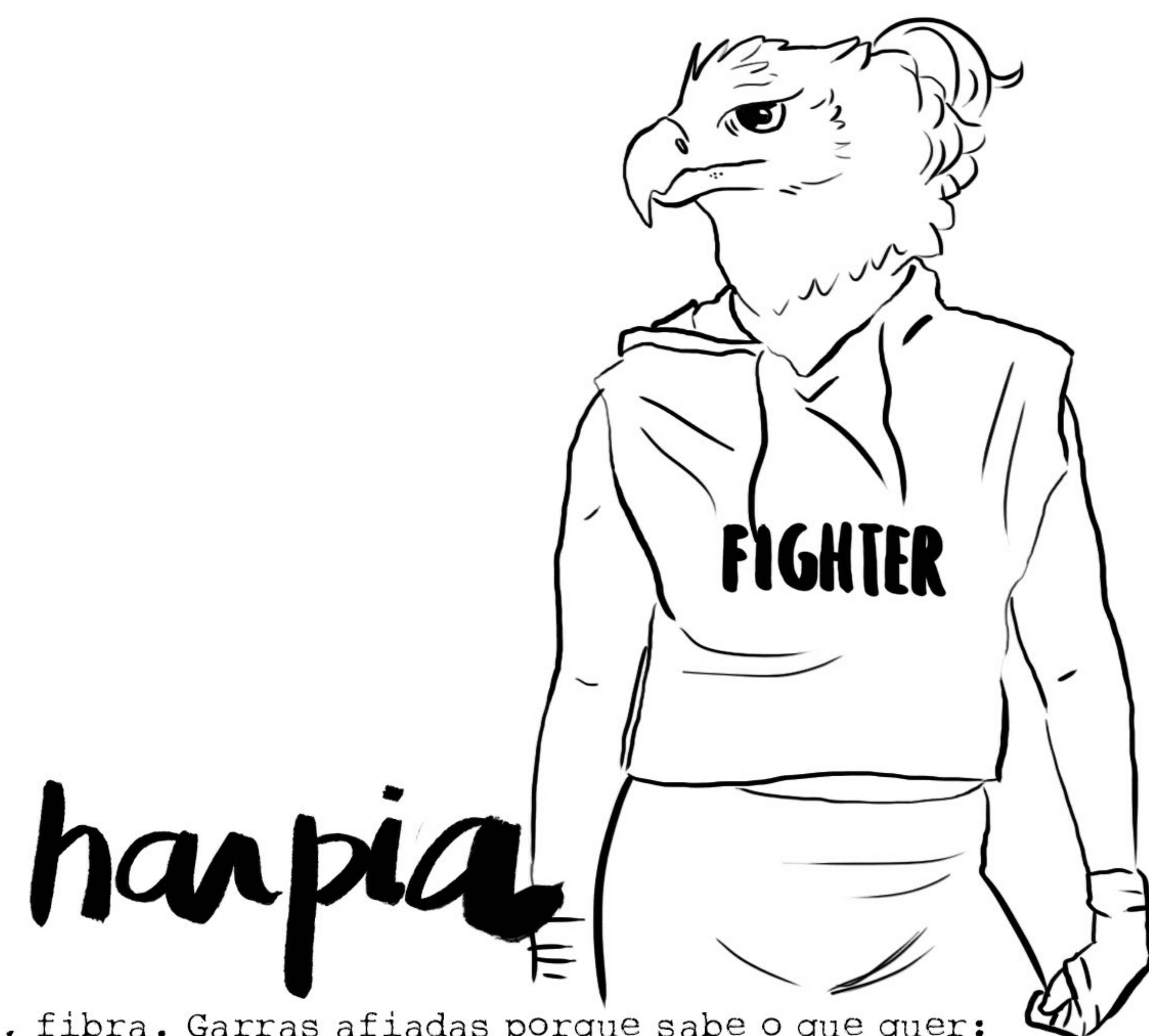
MESMO NÃO SENDO DE AVIÃO,
HÁ SEMPRE UMA TENSÃO
ENVOLVIDA EM VIAGENS.

PERCEBI ISSO QUANDO
EU ERA CRIANÇA E
VIAJEI DE ÔNIBUS PARA
MINAS COM MEU IRMÃO
E MINHA TIA.

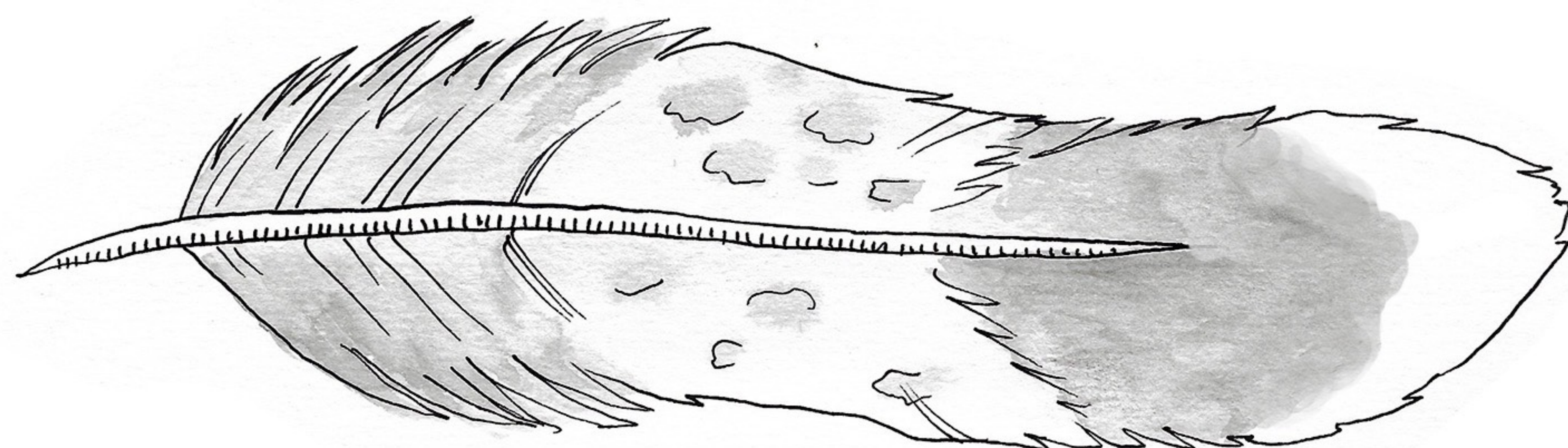


PEGAMOS ESTRADA À NOITE,
MAS MINHA TIA NÃO DORMIU
A VIAGEM INTEIRA, COM
MEDO DE QUE ALGUÉM NOS
SEQUESTRASSE.

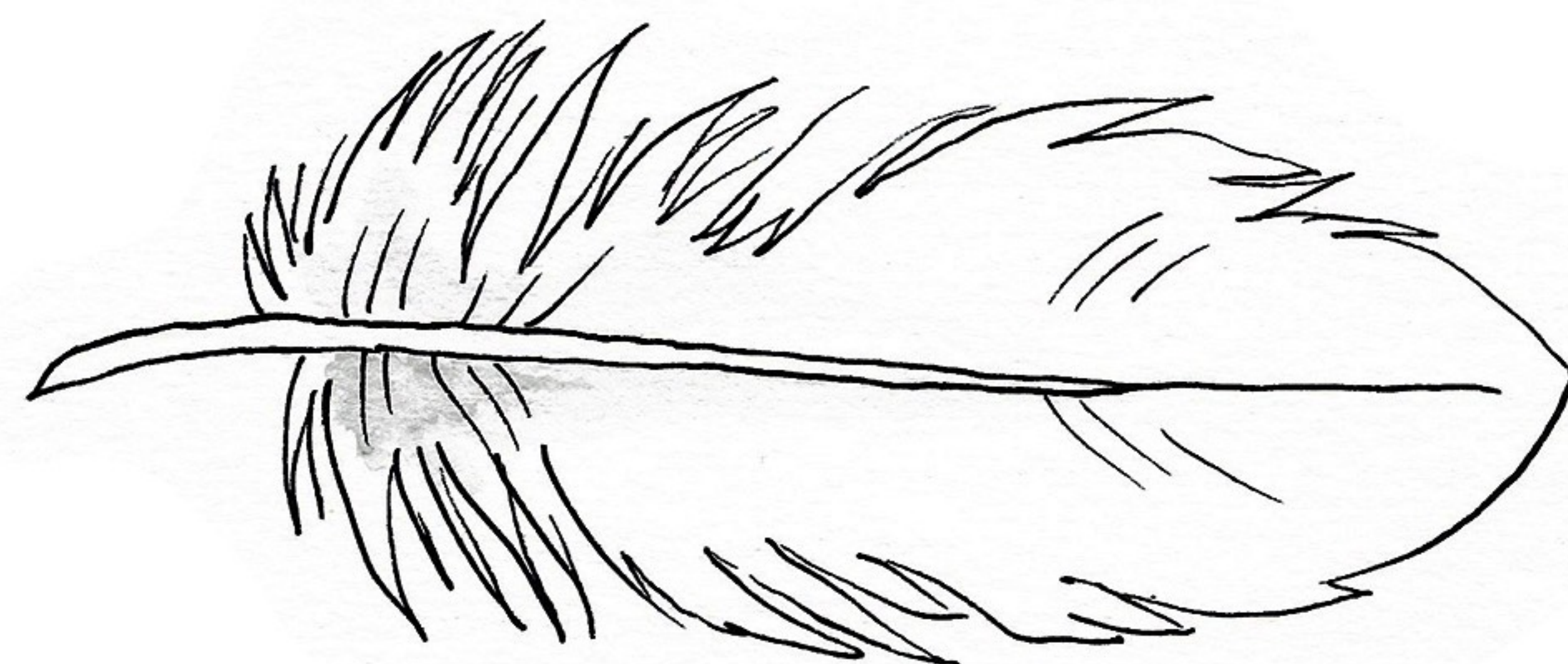
ACHO QUE EU
TERIA FICADO
COM MENOS
MEDO SE ELA
TIVESSE
DORMIDO.



Foco, força, fibra. Garras afiadas porque sabe o que quer: viu de longe, já estava na mira há tempos. Participa de maratonas, desafios, tudo o que envolve velocidade e competição. Não que alguém esteja no páreo, sua maior adversária é ela mesma. Talvez por isso olhe com tanta frequência para baixo, para quem ainda não chegou no seu nível. Tão fraquinhos que ela se sente um tanto melhor ao vê-los tentar. O topo é para poucos. Foco, força, fibra. Quem vê seus movimentos rápidos sente raiva de como ela faz tudo parecer tão fácil: vencer a corrida, subir na carreira, aprender algo novo. Que naturalidade, que leveza, que maldita. Destaca-se por chegar mais rápido, por ser a maior e melhor não importa onde esteja. A maior nota, o maior porte, a maior em tudo que se mete a fazer. Só consegue ser boa, nada menos que isso. Diz que não é por capricho, mas por sobrevivência (é verdade). Sabe o que é passar umas barras na vida; agora segura a barra, dobra a barra, usa a barra de plataforma para voar mais alto. Faz dieta de proteína, carrega peso, musculação, alongamento para esticar ainda mais sua envergadura de abraçar o mundo. Garras afiadas porque não solta fácil o que segura. Mas quem poderia ameaçá-la? Olha no espelho e vê uma predadora, sua grande inimiga. No fundo, tem medo. Desespero? Pressa? Por isso todo um planejamento, cumprir metas, ter objetivos claros para não se perder no meio do caminho. Ficar perdida? Inaceitável. Sabe o que quer. Foco, força, fibra. O topo é dela. O topo é um lugar solitário.



aviário



MINHA VIDA FOI ME
MUDAR DE UM LUGAR
PARA O OUTRO, MAS NEM
POR ISSO ME
ACOSTUMEI.

VIR PARA SÃO
PAULO, POR
EXEMPLO.
TRAUMÁTICO.
VIEMOS COMO DOIS
RETIRANTES, COM O
CARRO CHEIO DE
TRALHAS E DE DOIS
GATOS QUE NÃO
PARARAM DE MIAR A
VIAGEM INTEIRA.



MAS EU ESTAVA
COM MEDO DEMAIS
DE MANDÁ-LOS DE
AVIÃO E A
COMPANHIA
PERDER OS BICHOS
NO MEIO DO
CAMINHO.

NO FINAL DAS
CONTAS, ACHO
QUE ELES
FICARAM
AGRADECIDOS.
GATOS NÃO
FORAM FEITOS
PARA VOAR.

ATÉ GOSTO DE VIAJAR DE CARRO COM O MARCOS. GOSTO
DESSA VIBE "ON THE ROAD", DE VER A PAISAGEM MUDANDO
DEVAGAR, DE COMER NA BEIRA DA ESTRADA, DAS
CONVERSAS DURANTE O TRAJETO.

CLARO QUE SÓ DE
PENSAR EM VIAGEM JÁ
ME DÁ CANSAÇO.
MUDANÇA, ENTÃO? TÔ
FORA, AGARRO MINHA
MOCHILINHA E ME
RECUSO A IR EMBORA.

O QUE NÃO
ADIANTA MUITO,
JÁ QUE A VIDA
CONSTANTEMENTE
NOS OBRIGA A
SAIR DO LUGAR.



DAÍ SÓ ME RESTA
ENFIAR O NERVOSISMO
NA BAGAGEM, ACEITAR
QUE É PRECISO COLOCAR
OS PÉS NA ESTRADA,
SEGUIR EM FRENTE E, O
MAIS IMPORTANTE,
CHEGAR CEDO PARA NÃO
PERDER O VOO.

Estar numa confraternização cercada de gente que você não conhece.

Quando a conta do restaurante alcança os três dígitos.

J.K. Rowling faz nova revelação sobre algum personagem de Harry Potter.

Receber um "convite" que na verdade consiste em alguém te pedindo para fazer algo de graça.

Não saber onde você queria chegar com um raciocínio depois de dar uma enorme volta argumentativa de quem parecia saber o que estava querendo dizer (não sabia).

Cair por acidente num vórtice de problematização.

Reunião de trabalho marcada para o final do expediente.

Ligação de número desconhecido.

Todo o tipo de pedido e comentário sem noção que fazem quando você se apresenta como escritora.

Qualquer eleição na atual conjuntura política.

"Esse é o melhor vídeo que você vai ver hoje".

Mais um filme com o Homem de Ferro.

Quando todo mundo nas redes sociais vira papagaio repetindo o mesmo assunto.

"Ah, é porque eu sou virginiano."

pedir uma água para não ficarem te encarando esquisito, mas te encaram mesmo assim, aquele olhar de pena de quem sabe que você vai esperar no mínimo meia hora, e sua internet não vai durar o suficiente para você continuar fingindo que nem se preocupa em esperar, já que tem muita gente falando com você nas redes sociais, quando na verdade você só está olhando em looping as fotos da sua própria câmera enquanto os minutos passam mais devagar que o carro da pamonha.

Você marca com alguém, você nem queria ir, mas chega lá e vai ter que esperar a pessoa, ela te manda mensagem dizendo que está a caminho, você sabe que provavelmente ela ainda está saindo de casa, você tem que

Situações
das quais deveria ser
socialmente aceito
sair quando